

CRONICA MENSAL

Por volta de 1898, os economistas e os políticos de todo o mundo começaram a adoptar a palavra «imperialismo» para designar a época moderna. Depois, com a evolução dos acontecimentos e com o sucessivo emprêgo da palavra, o seu uso generalizou-se e ela entrou na linguagem científica da economia e da história. Segundo o conceito que se encontra nos melhores cultores destas disciplinas, o imperialismo é a etapa da história mundial em que a luta travada entre os grupos económicos concorrentes se transpõe no plano internacional. Na economia interna de cada país, a concorrência gerou o monopólio, porque o grande desenvolvimento da técnica levou à concentração. Ora, a produção monopolista é «a quinta essência económica do imperialismo». Nos países industriais o reino todo poderoso dos trusts e dos consórcios monopolistas, dos bancos e da oligarquia financeira — é precisamente a base do imperialismo. No mercado mundial, a concorrência assume a feição bárbara e anárquica que timoratos economistas americanos estigmatizaram com a expressão — «concorrência de faca nos dentes». Essa luta violenta e sem meio termo, em que os exércitos são instrumentos de conquista de novos mercados e de novas fontes de matérias primas, é o resultado de uma contradição entre os diversos grupos financeiros das diferentes potências imperialistas. Por tudo isto, pode hoje repetir-se com absoluto rigor científico aquela frase popular que reza — «o imperialismo é a guerra». Desde a guerra espano-americana (1898) e da guerra anglo-boer (1899-1902), mas em especial desde 1914, até à presente conflagração — toda a história do mundo é uma demonstração irresponsível de que o imperialismo (a orgânica actual na sua última fase), «traz em si a guerra como a nuvem a tempestada» — na conhecida imagem de Jaurès.

A guerra de 1914 é o «aboutissement» das primeiras manifestações do imperialismo. Contra a ambição económica da Alemanha, ergue-se a barreira da França e da Inglaterra. A América do Norte, que se imiscuiu com pretexto nos ataques dos submarinos alemães contra os navios americanos, fê-lo realmente para garantir o reembolso dos capitais empenhados na guerra. A Alemanha não triunfou. Os grupos monopolistas que, aproveitando a loucura guerreira de Guilherme II, a tinham arrastado para a guerra, foram esmagados economicamente pelos aliados. Wilson, que seis meses antes da entrada dos Estados Unidos na guerra era o campeão da «paz sem vitória», fez uma vira-volta na sua política e sob o disfarce do seu puritanismo e das suas atitudes místicas espectacularmente exteriorizadas (veja-se o ensaio «Les pipeaux neufs» em Destin du siècle de Jean-Richard Bloch), tornou-se um dos grandes responsáveis do brutal esmagamento da Alemanha. Inglaterra, França e Japão são as outras três potências responsáveis. As duas ideias essenciais que dominaram a conferência de Versalhes — a do esmagamento económico da Alemanha e o da defesa contra o perigo russo — exprimem a natureza da paz que foi imposta à Alemanha.

Depois de uma vida política agitada, em que a social-democracia (partido equivalente ao trabalhista da Inglaterra) foi o grande instrumento do exército, da alta burocracia e dos consórcios monopolistas para a desagregação de todos os movimentos declaradamente contrários aos seus designios políticos, — surgiu Adolfo Hitler, um austríaco que tinha feito a guerra e pregava a revanche alemã. A sua doutrinação, depois de alguns acidentes sem importância (no célebre processo Hitler-Ludendorff de 1924, de que Hitler havia de sair condenado a alguns meses de prisão, a benevolência dos juizes foi verdadeira cumplicidade) — veio a traduzir-se num aumento sucessivo da importância do movimento nazi. Nas eleições de 1923, os nacionais-socialistas obtinham 1.900.000 votos contra 9.600.000 dos partidos restantes; em 1928, a sua influência parecia diminuir pois conquistaram apenas 800.000 contra 12.300.000; mas já em 1930 conquistaram 6.400.000 votos contra 13.000.000. Nas eleições presidenciais de 1932, Hitler obteve 13.400.000 votos e nas eleições comuns do mesmo ano 13.700.000. ¿O que explica a súbita expansão do hitlerismo de 1930 a 1932? Além da crise económica geral e do descontentamento da pequena burguesia,

descrente dos sociais-democratas; além da propaganda revanchista e anti-francesa dos nazis; — o auxílio dado pelos financeiros alemães a Adolfo Hitler. Num livro de grande renome e rara honestidade (Germany puts the clock back, 1933), o grande jornalista norte-americano Mowrer conta que em conversa com um grande banqueiro judeu de Berlim este lhe explicou como durante anos tinha sido um grande comanditário dos nacionais-socialistas. Já durante o processo Hitler-Ludendorff e perante a comissão de inquérito da Dieta de Baviera o auxílio da grande indústria alemã tinha sido pôsto em destaque. Porém, nos últimos anos que precederam a ascensão de Hitler ao poder, a lista dos subsídios financeiros declarados ao nacional-socialismo tornou-se extremamente longa. Mowrer afirma, mesmo, que entre os auxílios estrangeiros se contam os de Deterding, Kreuger e Ford. Por outro lado, como se sabe, Paul Faure demonstrou na Câmara dos deputados francesa, em 11 de Fevereiro de 1932, que entre os comanditários estrangeiros dos nazis figuravam os directores da firma de armamentos Skoda, controlada por Schneider, du Creusot — de França. Um outro autor, Ernest Henri (Hitler over Europe, 1934) pôs em destaque o auxílio dado a Hitler pelo trust do aço do Ruhr, dominado por Thyssen: «Thyssen persuadiu os dois grupos políticos do Ruhr, a Bergbauverein Essen e a Nord-West-Gruppe der Eisen und Stahlindustrie, a conseguir, por meio de uma taxa especial obrigatória sobre todos os fornecimentos de carvão ou de aço que estes trusts pudessem vir a fazer, uma certa soma para o fundo eleitoral dos nacionais-socialistas. «Para obter este dinheiro, elevou-se o preço do carvão na Alemanha. Para as eleições presidenciais de 1932, Thyssen forneceu êle sozinho em alguns dias aos nazis mais de 3 milhões de marcos. Sem este auxílio, os meios fantásticos a que a agitação hitleriana recorreu nos anos 1930-1933 não teriam sido possíveis.» (Cfr. a Deutsche Führerbriefe, boletim confidencial da Federação dos industriais alemães e os notáveis estudos de Palme Dutt, Fascism e World politics (1918-1936)).

Remilitarização da Renânia, anexação da Áustria, da Tchecoslováquia, de Memél, e, no dia 1 de Setembro, anexação de Dantzig e invasão da Polónia, são factos com um único sentido: expansão imperialista. A guerra do Führer — é a guerra dos grandes financeiros alemães. A Inglaterra e a França, potências colonialmente satisfeitas (embora a França não tenha petróleo e seja, neste aspecto, um país dependente) julgaram oportuno fazer valer os seus interesses. Dai o auxílio à Polónia (em contradição com o pacifismo «integral» de Munich) e a cruzada anti-nazi do Sr. Chamberlain (em contradição com o tradicional desinteresse da Inglaterra por «ideologias»). A Rússia, objecto de uma política de aberta e mal disfarçada hostilidade da França e da Inglaterra («cordão sanitário» de Clemenceau, expedições militares aliadas em auxílio dos russos brancos, sabotagem dos engenheiros ingleses, etc.) — reagiu, num acto de aparência brutal (acôrdo germano-russo), contra vinte anos de política anti-soviética. A entrada de tropas russas em território polaco é um prolongamento dessa reacção. ¿E a Itália? — ¿E o eixo Tóquio-Berlim-Roma-Burgos? Não é exagero afirmar que, neste capítulo, a tática russa veio a traduzir-se em grande desvantagem para a Alemanha. A Itália trocada pela Rússia como aliada de momento, tomou uma atitude reservada, silenciosa e atenta — de «estilo fascista», como disse o Sr. Mussolini. O Japão, desmoralizado, foi remetido para a sua política asiática. A Espanha foi desligada da sorte aventureira do eixo e integrada numa política de neutralidade peninsular. Quanto aos restantes países, à parte aqueles que têm sido forçados a tomar medidas de precaução e a pôr diplomacia em movimento, quasi todos se têm limitado a declarar a neutralidade. Mas, não nos iludamos. Esses países também estão em guerra, porque vêem a sua economia comandada pelas contingências da guerra. Esta segunda grande conflagração, como a primeira, afecta o mundo inteiro. Mais uma vez a história do mundo vai ser abalada nos seus fundamentos.

RODRIGO SOARES.

dois

30 NOV. 1939



sol nascente